

Valores contrastantes em paisagens da ‘segunda modernidade’

Pedro Castro Cruz

Na realidade da industrialização oitocentista há uma perda de relação entre o homem e a paisagem natural; até à cidade do século XVIII, de facto, o homem estava ainda harmonizado com a natureza. É aos problemas que se prendiam com compressão e lotação urbanas, que é dizer, insalubridade e promiscuidade urbanas, que a arquitectura moderna procura dar resposta. Quanto mais se aproxima cientificamente da construção e dos materiais, mais o arquitecto moderno percebe as valências e escalas lumínicas e tácteis, recuperando a relação com a natureza. Todo o rasgo de luz e polimento que segue o primeiro post guerra parece começar a dar lugar aos valores contrastantes, depois da II Guerra.

Pretendemos perceber o modo como quatro mestres desta ‘Segunda Modernidade’ olhavam em torno. As Paisagens referem a relação com o mundo natural e humano, no que simbolicamente representa de realidade exterior à dimensão corpórea de cada observador. As paisagens de uns são numeradas, de outros arborizadas e humanizadas... Qual a chave de compreensão da realidade, encontrada por cada um destes mestres?

Le Corbusier pela abertura ao mundo e, ao contrário, Dom Hans Van der Laan por circunscrição a um conjunto monástico, tinham uma mesma preocupação no horizonte, essa de perceber, através do número, como o homem pode habitar numa maior perfeição. Sigurd Lewerentz encontrou como chave primeira a relação do homem natural com o bosque natural. As viagens de Aldo van Eyck ao fundo das civilizações primitivas, incutiram-lhe a percepção de que é em reunião concêntrica que se forma comunidade.

Em LE CORBUSIER E O MODULOR analisa-se o Modulor como sistema de leitura da Paisagem, a partir do *cabanon* e das suas relações com o exterior, em força expansiva relacionadora com a envolvente natural.

Em VAN DER LAAN E O NÚMERO PLÁSTICO analisa-se um sistema mais de plasticidade do que de número, interessando mais o significado da forma e a ordem de a compôr. Numa arquitectura monástica, a regra [beneditina] encarrega-se da variabilidade que a natureza contém, não sendo necessário representá-la. A regularidade e serenidade predominam nos conjuntos edificados, como se a arquitectura se calasse porque a natureza é expressiva.

Em LEWERENTZ E O BOSQUE NÓRDICO analisa-se, a partir dos cemitérios de Malmö e Estocolmo, o sistema de relações profundas, mas não sem retórica, estabelecidas com a natureza, mas sobretudo identifica-se a excelência nórdica do bosque, natureza artificializada, como ferramenta de construção do projecto.

Em VAN EYCK E AS PAISAGENS DE DIÁLOGO E COMUNIDADE analisa-se, ao contrário das paisagens nórdicas silenciosamente despovoadas, o sistema de paisagens urbanas, dos fluxos e cruzamentos entre os homens: ambas repletas de tensão de linhas verticais – mas aqui os pinheiros dão lugar aos corpos. Analisa-se o manuscrito ‘A Criança, a Cidade e os Artistas’ e o grande número de recreios – para crianças, nos quais as ‘klimbergen’ sintetizam o

desejo de proximidade entre as linhas verticais, quais pessoas reunidas em comunidade. Para mais, juntas formam uma montanha – paisagem sagrada.